

Maristela Franco | maristela@revistadbo.com.br



A classificação de carcaças pode melhorar o rendimento



Quem pergunta é Rogério Rosalin, prefeito de Figueirão, MS, e administrador da Fazenda 3R, no mesmo município, propriedade especializada na produção de bezerras de qualidade.

Sim, mas de forma indireta. Ao assumir o compromisso de produzir gado de qualidade, visando atingir patamares elevados de classificação, o produtor ganha em rendimento, porque trabalha com animais mais bem acabados e padronizados. Em uma pesquisa desenvolvida pela Agência Paulista de Tecnologia dos Agronegócios (Apta), de Colina, SP, um lote de bovinos com 3 mm de gordura subcutânea apresentou rendimento médio de 52,3%, enquanto outro com acabamento de 5 mm alcançou 56,6%. “Copo cheio rende mais”, diz Eduardo Krisztán Pedroso, diretor de Originação da JBS nos Estados de São Paulo e Mato Grosso do Sul, fazendo uma analogia com a carcaça. “Quanto mais pronto o animal estiver, mais carne fornece.”

Isso acontece, segundo ele, porque a composição de peso do boi bem acabado favorece a equação do rendimento, onde o numerador é o peso morto e o denominador é o peso vivo. Após a retirada do couro, sangue, patas, cabeça, rabo, vísceras completas, sebo e refil (toalete) no frigorífico, o boi bem acabado garante mais quilos de produto remunerável para o produtor, devido à composição adequada da carcaça, ou seja, uma proporção carne:osso:gordura no ponto ótimo. Com o aumento atual nos custos de produção, a tendência é de que os pecuaristas cada vez aproveitem mais a “embalagem” (boi) para produzir carne, diluindo os custos.



Classificação é fundamental para premiar quem produz qualidade

PROBLEMAS DE MÉTRICA – O conceito de rendimento (tão arraigado no setor) sempre gerou controvérsias, mas está longe de ser uma métrica precisa. Diversos fatores influem no peso vivo usado como base dessa equação: grupo genético, grau de acabamento, idade, manejo pré-abate, nível energético da dieta etc. Esses fatores, de forma isolada ou conjunta, podem alterar o rendimento para mais ou para menos. Por exemplo: um boi pode pesar 530 kg na balança da fazenda, se estiver com o rúmen cheio, ou 500 kg, se estiver com o rúmen vazio. Digamos que, no frigorífico, esse animal

forneça 280 kg de carcaça. Se o cálculo do rendimento for feito sobre seu peso pós-trato, o resultado será de 52,8%; se efetuado com base no peso após jejum, será de 56%.

Outro fator que pode afetar o rendimento é o transporte. Conforme uma pesquisa realizada pela equipe do professor Roberto de Oliveira Roça, da Unesp-Botucatu (já mencionada na primeira edição desta série), os machos inteiros perdem, em média, 2,68% do peso vivo durante o traslado até o frigorífico. Sobre um boi de 500 kg, isso significa 13,4 kg a menos. Em fêmeas, a per-

da é ainda maior (4,28%). O sistema de engorda adotado pelo produtor também interfere no rendimento. Pesquisas realizadas em 2010, pela Apta-Colina, mostraram que órgãos internos como o fígado e o trato gastrointestinal diminuem bastante de tamanho nos bovinos confinados à base de rações ricas em concentrado, em comparação com os dos terminados a pasto, cujo rúmen fica maior e mais pesado, já que o alimento fibroso nele permanece por mais tempo. Também em função disso, o boi de capim costuma apresentar menor rendimento do que o confinado.

Mesmo que se padronizasse todo o processo de produção, manejo e transporte dos animais, ainda haveria variação entre lotes ou mesmo dentro destes, porque o rebanho brasileiro é grande e heterogêneo. Segundo Pedroso, a indústria frigorífica nacional trabalha com pelo menos 450 perfis diferentes de carcaça, se forem consideradas apenas três variáveis de sexo (macho castrado, macho inteiro e fêmea), cinco níveis de acabamento, cinco faixas de peso, três de idade (jovem, intermediário, adulto) e duas de conformação (inferior e superior). “Também há muita desinformação quanto à condição real de acabamento dos animais. Antigamente, um macho de 520 kg era sinônimo de boi gordo, hoje, nem sempre. Além da apartação na balança, há que se fazer avaliação visual de acabamento dos animais antes de enviá-los ao frigorífico”, explica Pedroso, que colocou, em algumas unidades da empresa, técnicos especializados para esclarecer essas questões aos produtores.

NOVO CONCEITO - Segundo Gustavo Rezende Siqueira, pesquisador da Apta-Colina, é preciso aprender a raciocinar em termos de ganho de carcaça, que é a verdadeira fonte de receita do pecuarista. “O rendimento sozinho não diz nada; deve ser associado a novas métricas”, assegura. Siqueira e seu colega Flávio Dutra têm difundido uma nova forma de avaliar o desempenho dos animais e, conseqüentemente, de verificar se o sistema de produção adotado pelo produtor é rentável. Eles criaram um conceito chamado “rendimento do ganho”, cujo objetivo central é calcular quanto do peso vivo (PV) engordado pelo animal é convertido em carcaça diariamente.

Acabamento de carcaça influi bastante no rendimento



Para entender como se faz esse cálculo, considere hipoteticamente que o animal entrou no confinamento com 350 kg e, após 100 dias de trato, foi abatido com 500 kg, ou seja, ganhou 150 kg no período ou 1,5 kg de PV/cabeça/dia. Quanto desse peso foi transformado em produto passível de remuneração? Para responder esta pergunta, basta deduzir o peso de carcaça inicial (175 kg, considerando-se 50% de rendimento) do valor obtido no gancho do frigorífico (290 kg, por exemplo). Chega-se a 115 kg, que, divididos por 100 dias de engorda, resultam em 1,15 kg de carcaça/cabeça/dia ou 76,6% de rendimento de ganho. “Fazendo essa conta sempre que envia um lote para venda, o produtor consegue avaliar a rentabilidade do seu negócio e comparar sistemas de produção”, diz Rezende.

PADRONIZAÇÃO - Caso o pecuarista queira trabalhar paralelamente com o conceito convencional de rendimento como indicador de desempenho, deve, segundo o pesquisador, padronizar a genética dos animais, o sistema de produção, a pesagem e o manejo pré-abate. Se decidir, por exemplo, alimentar os animais antes do embarque para evitar

que eles percam muito peso no transporte, deve manter a mesma rotina de trato para todos os lotes e aplicar um desconto sobre o peso vivo relativo ao conteúdo gastrointestinal e à perda estimada durante a viagem. Assim, ele minimiza as interferências externas sobre o valor de PV usado no cálculo do rendimento e pode montar uma série histórica mais confiável. “O ideal, contudo, é não usar essa métrica de forma isolada, pois ela sempre estará sujeita a variações”, diz Rezende.

Voltando à pergunta feita por Rogério Rosalin: como a classificação mostra ao pecuarista sua produção real em carcaça, indiretamente também pode ajudá-lo a melhorar o rendimento, desde que ele se discipline a produzir animais bem acabados. “Neste caso, além da bonificação em função da qualidade, ele também estará ganhando percentualmente em quantidade de carne por cabeça. Ao usar tecnologia para obter bois bem acabados, esse produtor também antecipa seu ciclo de produção, melhora seu fluxo de caixa, aumenta a taxa de desfrute e a produção de carne por hectare/ano, que é o verdadeiro indicador de lucratividade da pecuária”, diz Pedroso. ■

Veja, na próxima edição, como funciona a desossa no frigorífico.
Participe enviando suas perguntas para o e-mail maristela@revistadbo.com.br.
Mais informações também estão disponíveis no Portal DBO.

Realização:

DBO
A REVISTA DE NEGÓCIOS DA PECUÁRIA

Parceiros Conexão JBS:

JBS

Friboi

CANAL RURAL